

BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

- 18 Sentença imperial: “Capitullos: 1. Sabendo muito bem que El-Rey tem prohibido rigurosamente em todo o Japão a ley christãa, sem embargo disso, mandaram até agora às escondidas pregadores da mesma lei a estes reinos.
2. El-Rey castiga com a pena de morte os christãos que unidos entre ssi inventão e tramam maldades e couzas fora de rezão.
3. Deram e mandaram de seus reinos sustentação aos Padres christãos que estão escondidos em Japão.
Por ser verdade o contheudo nos tres capitullos asima (.) prohibe e manda El-Rey que daqui por diante não aja mais esta viagem e comercio, e que se (.) sem embargo deste mandado e prohibição (.) mandarem navios a Japão (.) não só serão destruídos os mesmos navios, mas tambem todas as pessoas que nelles vierem serão castigados com pena de morte. Tudo o asimo dito hé ordem e mandado expresso d’El-Rey. Oje coatro de Agosto de mil seissentos trinta e nove anos.
Canga no Cami – Sanuqui no Cami – Vouoi no Cami – Camon no Cami – Izu no Cami – Tçuxima no Cami”. In *A Embaixada Mártir*, p. 50.
- 19 O Conselho Geral do Senado da Câmara reuniu a 13 de Março de 1640.
A Fazenda Real negou colaborar com metade das despesas, devido à enorme dívida (perto de 400 000 taéis) de Macau ao Japão, o que levou os vereadores a decidir nada fazer; mas em nova reunião a 18 de Maio conseguiu-se obter 6000 taéis, de empréstimos dos mandarins, de penhores e de crédito da cidade, e eleger quatro chefes da missão, com largos poderes de decisão, entre os cidadãos mais ilustres: Luís Paes Pacheco, Rodrigo Sanches de Paredes, Gonçalo Monteiro de Carvalho e Simão Vaz de Pavia. Como se tinha consciência do perigo que a missão envolvia, foram escolhidos somente cristãos baptizados para membros da missão, pelo que alguns tiveram de receber o baptismo à pressa. Acreditava-se que estariam, assim, mais preparados para, em caso extremo, enfrentarem a morte.
- 20 “... ouverão de ser condenados à morte todos os que neste navio vierão sem ficar pessoa alguma; contudo o navio seja queimado e todos os principais e cabeças degollados com os que os acompanharão. Mas pera que em Macau e em seus reinos dem noticia do acima ditto, se dê vida a alguns dos criados e gente vil, e se tornem a mandar a Macao. E se por algum cazo daqui em diante mandarem algum navio

- a Japão, saiba-se de certo que a qualquer porto que chegar (.) serão logo todos mortos. Aos 3 da 6.^a lua da era Quanyei, (isto é) aos 21 de Julho de 1640.
Camono Cami – Sanoquino Cami – Izuno Cami – Vouoino Cami – Cangano Cami – Bungono Cami – Tçuximano Cami”. in *A Embaixada Mártir*, p. 63.
- 21 *Ibidem*, p. 64.
22 *Ibidem*, p. 65.
23 Manuel Fernandes de Abreu, português de Buarcos, piloto do barco de regresso; Domingos de Quadros, de Macau, cirurgião; Manuel Cardoso, de Macau, tucão ou mocadão dos marinheiros; João Delgado, de Goa, escrivão; José da Silva, de Ragão, Bengala; Gonçalo Cardoso, de Macau; Pascoal Pires, chinês de Macau; Brás Pereira, de Macau; António Fernandes Torga, de Macau; João Pereira, de Diu; Miguel Teixeira, de Goa; Miguel Carvalho, coreano, natural de Macau; Agostinho do Rosário, de Goa. *Ibidem*, p. 72.
24 *Ibidem*, p. 90 (“Treslado da Petição”).
25 “... antes perguntarão assy aos ditos quatro embaixadores como a todos os mais nomeados no dito Rol se querião deixar a fee lhes darião Vidas, e todos elles Unanimes có muita alegria, e constancia, E valor disserão por tres vezes q’ [antes] querião Morrer pella fee de Christo que professavão que deixala, o q’ ouvindo os ditos Tyranos não só mandavão degolar a todos, mas ainda queimar a ditta embarcação enq’ lá forão có tudo o q’ hia nella ...”. *Ibidem*, p. 92.
- 26 Celina Veiga de Oliveira, “Morra o corpo e viva a alma”, in *Revista de Cultura*, n.º 4 (1988) p. 120.
27 *Ibidem*.
28 *A Embaixada Mártir*, 31.
29 “Presença da cultura de Portugal no Japão, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*, p. 30.
30 Henri-Irénée Marrou (1904-1977), “Comment comprendre de métier d’historien?”, in Charles Samaran (ed.) *L’Histoire et ses méthodes*, pp. 1465-1540.
31 Bastava a sua obra *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*, considerada por muitos a sua obra-prima, para comprovar os profundos conhecimentos de Benjamim Videira Pires, S. J., no domínio da História, da Filosofia, das religiões, das ideias, da cultura oriental, com relevo especial para a cultura chinesa, e da História de Macau e das suas gentes.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Ana Maria. *Introdução da Medicina Ocidental em Macau e as Receitas de Segredo da Botica do Colégio de São Paulo*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992.
- Aresta, António. *Figuras de Jade: Os Portugueses no Extremo Oriente*. Lisboa: Instituto Internacional de Macau, 2014.
- Boxer, Charles. *O Grande Navio de Amacau*. Macau: Fundação Oriente/Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.
- Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreveruero dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549 até o de 1580*. Apresentação de José Manuel Garcia. 2 vols. Maia: Castoliva, 1997.
- Oliveira, Celina Veiga de. “Morra o corpo e viva a alma”. *Revista de Cultura* n.º 4, Jan./Fev./Mar., Macau, 1988 .
- e Barreto, Luís Filipe. *O Encontro Luso-Nipónico*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

- Ortega y Gasset, José. *Sobre la razón histórica*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- Pires, S. J., Benjamim Videira. *A Embaixada Mártir*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
- . “Presença da cultura de Portugal no Japão”, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.
- Pires, S. J., Francisco Videira. *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2011.
- Samarran, Charles. L’Histoire et ses méthodes (*Encyclopédie de la Pléiade*, Vol. XI) Paris: Gallimard, 1961.
- Sande, S. J., Duarte de. *Diálogo Sobre A Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Fundação Oriente, 1997.

BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Subindo no Céu do Oriente

JORGE DE ABREU ARRIMAR*

Em 8 de Julho de 1995 o jornal *Tribuna de Macau* dedicou uma página inteira ao Pe. Benjamim Videira Pires que, nesse ano, a 30 de Outubro, faria 79 anos de vida e 47 anos de permanência em Macau.¹ Também a Biblioteca Central participou com a organização de uma Exposição Bibliográfica, cuja abertura contou com a presença do homenageado, já com a saúde visivelmente depauperada, pois estivera internado num Hospital de Hong Kong, de 17 de Maio a 3 de Junho, desse mesmo ano. Penso que o desgaste visível da sua saúde terá levado algumas pessoas e instituições de Macau a homenageá-lo um ano antes de completar 80 anos. Para essa página do jornal *Tribuna de Macau* foram convidados alguns investigadores e amigos seus a participarem com textos inéditos. Eu fui um deles, contribuindo com um artigo de pendor biográfico, intitulado “Pe. Benjamim Videira Pires: de Mirandela a Macau”.² Com base neste artigo, noutros que, entretanto, autores diversos foram escrevendo sobre o mesmo tema e, também, em algumas memórias que conservo do relacionamento que tive com o homenageado, escrevi este texto menos formal, mais solto e até um tanto ficcionado. Ficcionado, porque parte desta narrativa foi concebida a partir da

interpretação dos seus poemas, utilizando-os como opiniões, sentimentos, apreciações do seu autor sobre o que via.³

O Pe. Benjamim Videira Pires inicia a grande viagem da sua vida a 7 de Novembro de 1948, a bordo do navio *Kertosono*. Chega ao destino nos finais do mesmo mês e encontra Macau limpo de névoas, de cortinas soltas por uma brisa que só é fresca neste período de tempo que vai de Setembro a Novembro, a melhor época para se chegar, sobretudo se se partiu da Europa, sem se conhecer tanto calor encharcado de humidade. Com 32 anos completados no final do mês anterior, a melhor prenda de aniversário que poderia ter recebido foi a longa travessia que termina agora, no porto da cidade do nome de Deus na China. Mas se esta viagem acaba agora, outra em breve irá começar, a viagem que realmente interessa, até ao final da vida, mais intensa, mais profunda, e que o levará a descobrir não só novas terras, mas sobretudo novas gentes, novas culturas, num rumo novo que traçará a sua realização como homem.

Da amurada do *Kertosono* que se vai aproximando, um passageiro observa tudo através dos seus óculos de armação grossa, deixando-se perder nas lonjuras, em cogitação. Talvez imagine o que vai encontrar, que tarefas irá desempenhar... Sabe, porque é um estudioso, que os tempos que correm não são tranquilos, pois ainda se fazem sentir naquela região do sul da China, na extensa foz do rio das Pérolas, as réplicas do tufão que foi a Guerra do Pacífico. Já se informara de que milhares de refugiados tinham entrado em Macau durante o conflito e que muitos ainda se mantinham

* Doutorado em História Moderna (2007) e em Ciências Documentais (2013). Exerceu o cargo de director da Biblioteca Central de Macao (1988-1998) e desenvolveu uma intensa actividade cultural, nomeadamente nas áreas da História e da Literatura. Reside em Portugal e é docente de História e Ciências Documentais.

Ph.D. in Modern History (2007) and Library and Information Science (2013). He served as director of the Central Library of Macao (1988-1998) and developed an intense cultural activity, both in areas such History and Literature. Currently he lives in Portugal and lectures History and Library and Information Science.

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

por ali, tentando sobreviver naquele pedaço de terra sob administração portuguesa. Sente que a sua acção será útil àquela gente.

Na sua terra natal, num remoto concelho de Mirandela, em Portugal, cedo começa a sentir vontade de alçar voo com as aves que cruzam o céu da sua infância, e ganhar o rumo do litoral onde o mar começa e o resto do mundo se torna possível de alcançar. Viajar torna-se um objectivo, pois, para além do grande prazer que terá em fazê-lo, sabe que pode retirar daí a grande lição que o fará mais universal e, por isso, mais completo como homem. Conhecer uma maior diversidade da natureza, das civilizações e das raças é um dos seus interesses maiores e sabe que, quando tudo isso for alcançado, se ampliará o espírito com o conhecimento maior, original e intuitivo, da beleza da Criação. Interessado pelo ensino, intui que “nenhuma escola ministra ensinamentos mais concretos e saborosos sobre todas as ciências do que uma viagem”.⁴ E por isso sente logo à chegada uma instintiva simpatia pela cidade que o aguarda e que fora a grande motivadora da aventura que está em vias de começar. Macau aparece-lhe ao longe como um “mirante de sonho”, do qual debruça para perscrutar os horizontes longínquos, onde pensa que se escondem, “nas pregas dos [...] montes” os vestígios de antigas façanhas lusas. Quando o seu olhar esvoaça sobre o estuário, sente um arrepiamento de um inusitado pundonor e esboça uns versos que o fazem sentir-se bem: “Rio da Pérola, Rio que mais parece o mar. Jorge Álvares foi o primeiro, que chegou pr’a ficar”. Não se esquece o poeta de outras figuras da expansão marítima, de “outros lusos [que] aportaram, com as naus da iniciação”, como Fernão Mendes Pinto que “teve a sina de Quixote universal”, e de Tomé Pires, enviado do rei D. Manuel de Portugal ao celeste imperador, que “escreveu a obra *Summa Oriental* chama[ndo] a Macau ‘Espelho do Mar’ - Oi-kém [, ele que] viu a síntese do mundo, primeiro do que ninguém”. E, se o rei da China morre em Pequim e em Cantão fica preso o embaixador, “um nenúfar, em flor, paira no mar de Ling-ting”. O recém-chegado é um português orgulhoso do seu passado e da herança histórica que assume como um legado do seu país repartido pelo mundo. Convicto da gesta heróica dos seus antepassados, vê Macau como o “Padrão glorioso da descoberta final...”, e acredita que “se mais mundo houvera, lá chegara Portugal!”. É um homem do seu tempo à chegada. Sê-lo-á também à partida?

Sensível, consegue ver a terra transfigurada à luz do poente, uma “figura esbelta, um bago que se desprende do cacho de ilhas em Delta.” E à medida que se aproxima, o navio geme de um misto de fadiga e de dever cumprido, convocando os passageiros para o frenesi do desembarque depois de meia volta ao mundo. Ao largo, é fácil adivinhar a silhueta das ilhas que “são um colar de cristal” colocado no busto de marfim da “princesa oriental” que é Macau. Do navio em que viaja vê navegar uma “caravela perdida nas ondas mortas do mar” e descobre nela a vocação antiga de Macau. Ao aproximar-se da “Rada cheia de velas”, chamam-lhe a atenção algumas delas que se assemelham a grandes asas de morcego, asas que fazem voar os juncos pelo mar fora. O sol, a cair no horizonte, “espalha-se em riso”, fazendo brilhar ao longe os vidros das janelas, como se o centenário farol da Guia se tivesse multiplicado por mil. Já quase a lançar ferros, do navio é possível perceber o perfil da península onde a urbe se inscreve, abrindo-se como um “leque de missangas”. Alma de trovador, já sabe que ali, na cidade para onde vai, encontrará o vate maior revestido em bronze, “Camões, soldado e poeta, vigia[ndo] a noite calada: uma das mãos toca a lira e a outra segura a espada”. É o canto patriótico a fazer-se ouvir e a famosa Gruta de Camões será, na longa estadia de quase meio século que se irá seguir, um dos seus pontos de referência, sobretudo quando a inspiração poética o tocar como as nuvens baixas e carregadas tocam “os montes suaves [onde em cada um] desponta uma ermida”. Se para a poesia é a Gruta de Camões, para a história, para o ensino e a para a religião, “as Ruínas de S. Paulo, voltadas ao mar sem fim, [como] a face de Cristo, no sudário de Turim”, serão o símbolo maior que o guiarão enquanto viver.

Os primeiros anos são de intensa adaptação, reconhecimento do terreno e das suas gentes. Sente prazer, misturado de alguma fadiga, ao subir ao farol da Guia “sem [lhe] vir mal de tontura” e lá medita como “os homens vistos de cima, são todos da mesma altura”. E continua, por muito tempo, a sentir o espanto dos primeiros dias, sobretudo quando deambula pela cidade que quer cada vez mais sua. Por isso já matou a sede na “água fresca do Lilau”, como o fizeram “Pinto e Camões [que] vieram com a Dinamene e o Jau”. Videira Pires sente que o alento que lhe chega de longe é o mesmo dos “outros lusos [que] aportaram, com as naus da iniciação”. E vai-se deixando perder pelas praças, largos e pátios; pelas ruas, travessas, vielas

e becos, onde fervilha a vida da cidade. “Vendedores ambulantes gritam, na calma da tarde”, enquanto ao longe “sonham os montes [...], sob um firmamento que arde”. Nas horas de estio, procura a brisa fresca que sopra da baía e, ao som da “algazarra das crianças, a lorchá que vem da pesca, nem acorda as águas mansas”. Quando os ruídos do quotidiano o perturbam, procura a tranquilidade do Jardim Lou Lim Ioc, onde se faz sentir o cheiro fresco a terra molhada e o perfume “das flores [que] cai em gotas da chuva recente”. Absorto, não deixa de ouvir ainda “nos longes da distância, os sinos pascais, da [sua] infância”.

Do palco da vida passa ao palco da ficção, com a adaptação livre para o teatro de um artigo que lê no *Mission Bulletin*,⁵ do que resultam duas pequenas peças, “Liberdade de Consciência” e “Fé como Grão de Mostarda”. Esta é um acto histórico, baseado na realidade política e religiosa vivida pelos chineses durante o advento do maoísmo, numa denúncia da intolerância e das perseguições religiosas na China desses tempos. Do teatro passa à poesia com *Jardins Suspensos*,⁶ que publica em 1955, e *Descobrimientos: Poesias*, em 1958. Poemas soltos são publicados mais tarde, entre 1974 e 1975, no jornal *Confluência*. Com *Espelho do Mar*, seu terceiro e último livro de poesia, saído a público em 1986, Videira Pires ganha definitivamente lugar entre os poetas de Macau, encontrando-se referenciado em *Trovas Macaenses*,⁷ *Antologia de Poetas de Macau*,⁸ *Poetas Portugueses de Macau*⁹ e *Poets of Portuguese Asia: Goa, Macao, East Timor: A Bilingual Selection*.¹⁰ E a marca poética deste autor diversifica-se, numa demonstração da sua capacidade de compreender o outro, através de objectos e símbolos que vai buscar à cultura chinesa, esta cultura que cada vez mais lhe chama a atenção e o surpreende. Por isso o vemos cantar Macau, já não com os olhos de quem acaba de chegar, mas com a sensibilidade de quem está para ficar. A lua é já outra, diferente da que via na sua terra, com outros rostos, com outros significados:

“Primeira lua de Outono, que navega nos espaços, nas lanternas das crianças, caíste à terra em pedaços! Como leque de missangas, abriu-se a noite em Macau. Lua cheia em miniatura, é um bolo bate-pau. Os planetas e as estrelas dançam à roda da lua [e] jovens de balões acesos, rodopiam pela rua”.

Mas não só a lua desta cidade (en)canta o poeta; também o fascina a que banha o país imenso em que

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

ela se incrusta. E quando se deixa ir pela ponte de estrelas até se perder no alto, a poesia inunda-o como uma onda de luz:

“Quando a primeira lua cheia do ano novo enche de sonho e amor as noites de Pequim, ascende o Imperador cinquenta mil lanternas, sobre um abeto colossal do seu jardim. [...] Pela ponte de luz que liga as duas Ursas, viajam os heróis p’ras moradas eternas, e no parque real, até de madrugada, a China comemora a festa das lanternas”.

E o Outono macaense ao chegar, melancólico como o são todos, é cantado com versos que se molham de uma lírica curta e densa, deixando no ar uns laivos de *haiku*: “Ao relento, um som ouço com tristeza: pedras de *majong* a bater na mesa”.

Quanto à história, que muito interessa ao espírito rigoroso e objectivo de Videira Pires, começa logo a revelar-se na qualidade das notas de viagem que vai apontando no seu caderno, durante os dias que se acumulam enquanto não chega ao destino... embora confesse que, apesar de não “pretender compor história”, quer, todavia, esforçar-se “por ser o mais exacto possível, na observação pessoal, no informe, no estudo e na transcrição”. Rigor, objectividade e honestidade intelectual são algumas das características que passarão a marcar a sua carreira de investigador. E é na revista *Religião e Pátria*¹¹ que encontra o suporte para os seus primeiros textos do género.¹² O interesse, já quase fascínio, que a civilização chinesa lhe desperta, faz com que, pouco tempo após a sua chegada a Macau, se dedique a aprender chinês. Sabe que estes conhecimentos se irão revelar muito úteis, não somente para o exercício das suas actividades religiosas e pedagógicas, como também para o desenvolvimento dos seus trabalhos de investigação histórica.

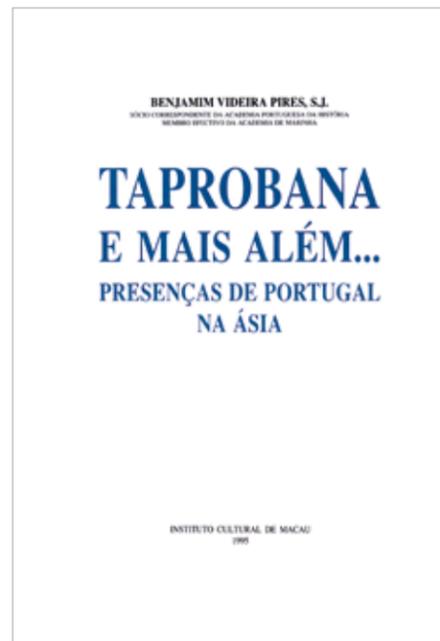
De personalidade discreta, o Pe. Benjamim Videira Pires torna-se um vulto marcante da vida cultural de Macau na segunda metade do século xx. Com uma vida consagrada à actividade religiosa, ao estudo da história de Macau e da presença portuguesa no Extremo Oriente e à criação literária, é um erudito afável e tolerante que, na esteira da melhor tradição intelectual dos jesuítas, é autor de uma obra de muita qualidade. Nela evidencia-se um “humanismo compreensivo na análise da pluralidade civilizacional, bem como o pioneirismo e a originalidade na abordagem de algumas temáticas complexas da história de Macau.”¹³

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

O seu prestígio intelectual e valor como investigador levam-no a ser membro de diversas associações (Instituto Histórico Ultramarino, International Association of Historians of Asia, sócio correspondente da Academia Portuguesa da História, membro efectivo da Academia da Marinha) e merecedor de medalhas honoríficas, como as da Ordem de Vasco da Gama, da Ordem Militar de Santiago de Espada, entre outras. Do acervo documental existente na Biblioteca Central de Macau, consta um número importante de livros e de artigos de sua autoria e, em Outubro de 1992, pela comemoração do seu 76.º aniversário, foi publicado um catálogo com esta informação bibliográfica. Contudo, a obra deste autor é muito mais vasta e encontra-se bastante dispersa.¹⁴ Sabe-se, contudo, que tem havido alguns esforços no sentido de a reunir e publicar.

Como educador, a sua maior obra foi a criação do Instituto D. Melchior Carneiro,¹⁵ a 4 de Setembro de 1961, com 41 alunos na 1.ª classe do curso primário e uma professora, e do qual foi director por mais de trinta anos, até 1995.¹⁶ Aos poucos, transformar-se-ia numa das mais procuradas escolas particulares do território, “disputando com o Colégio Yuet Wah (Salesiano) a primazia da excelência educativa”.¹⁷ Francis Choi Chi U, um dos seus primeiros alunos, nascidos nesse mesmo ano e que, em 1964, dá entrada no Instituto, recorda que, “quando estava no jardim de infância, havia um estrangeiro que usava óculos de armação grossa, que costumava patrulhar os corredores” e era apresentado por alguns professores como “o nosso presidente”. Era “o português Padre Benjamim Videira Pires [que] fundou o Instituto [...], uma instituição grátis para que as famílias pobres também pudessem usufruir de educação”. Por vezes o Pe. Videira Pires levava alguns



alunos a fazer visitas de estudo, dando-lhes a “oportunidade de ir [...] à praia de Hac Sa, em Coloane, para andar[em] de cócoras no chão, a escavar a areia à procura de objectos”, que serviriam para estudar a história de Macau. Ao mesmo tempo que orienta as escavações, Videira Pires vai explicando que as pedras são muito importantes como sentinelas do passado e que nas “antas e nas estelas, são eternidade. [As] pedras são a alma do mundo, e este o centro da cidade”. No Instituto, o Pe. Videira Pires interfere pouco com “as aulas dos professores [e] com os alunos, especialmente com as actividades extracurriculares destes [...]. Havia alunos de

topo e alunos menos inteligentes [...], era realmente uma educação para todos”. E esta liberdade, tão pouco habitual nos estabelecimentos de ensino daquela época, atrai professores para o Instituto, alguns com prestígio, “elevando consideravelmente o nível de educação da escola e aumentando potencialmente a competitividade dos estudantes pobres”.¹⁸ Pelo seu lado, o próprio director do Instituto ao granjear notoriedade como intelectual e investigador, aumenta o prestígio da instituição que dirige. Pela sua profundidade e rigor histórico, obras como *Embaixada Mártir* (1965), *Os Extremos Conciliam-se* (1988), *Portugal no Tecto do Mundo* (1988), *A Vida Marítima de Macau no Século XVII* (1993), *Taprobana e Mais Além* (1995), passam a constituir parte significativa do património cultural português. **RC**

Nota do Autor: Título obtido a partir dum verso do poema “Lua do Bate-Pau”, de Benjamim Videira Pires.

NOTAS

- Nasceu em Torre de Dona Chama, Mirandela, a 30 de Outubro de 1916. Aí faleceu, a 10 de Janeiro de 1999.
- Disponível também no jornal online “DouroPress”.
- Convém alertar para o seguinte: embora cite os poemas de Videira Pires na forma habitual, i. é, entre aspas, colocando entre parêntesis rectos as letras e/ou palavras que não estão no original (e que servem mais como elemento de ligação ou de clarificação), os poemas vão aparecendo de uma forma livre no evoluir do texto, sem preocupações de os manter no formato original.
- Padre Videira Pires – “nota introdutória” ao livro *Meia Volta ao Mundo* (1958), escrito com base nas notas que o autor foi tirando na viagem que o levou a Macau, dez anos antes.
- Publicado em Hong Kong, em Março de 1954.
- Jardins Suspensos* foi traduzido em japonês pelo Dr. Shigeru Otake, da Universidade Sofia de Tóquio. Mais tarde, veio a ser objecto de uma tese de licenciatura numa universidade japonesa.
- Coordenação de João Reis (Macau: Mar-Oceano, 1992).
- Coordenação de Jorge Arrimar e de Yao Jingming, Macau: Instituto Camões / Instituto Cultural de Macau / Instituto Português do Oriente, 1999.
- Coordenação de Christopher (Kit) Kelen e Lili Han (Macau: Association of Stories in Macao, 2009).
- Coordenação de Frederick G. Williams (Provo, Utah: Brigham Young University Studies, 2013).
- A revista semanal *Religião e Pátria* foi durante doze anos (1956-1968) publicada sob a direcção de Videira Pires. Foi a partir dela que Luís Gonzaga Gomes organizou a *Bibliografia Macaense*.
- “Macau e os jesuítas” (Out.1955); “A acção dos jesuítas (Jul.1956); “Pintores jesuítas em Macau” (Set.1956).
- António Aresta, “Benjamim Videira Pires, um educador português em Macau”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 45, 1999-3º, pp. 699-709.
- Nomeadamente nas publicações seguintes: revista semanal *Religião e Pátria* (1956-1968); *Enciclopédia Luso Brasileira*, da Verbo; colaboração em revistas e jornais como a *Brotéria*, *Mensageiro do Coração de Jesus*, *Mensageiro de Maria*, *Magnificat*, *A Ordem*, *Notícias de Macau* (a série “Névoa sobre a Cidade”, editoriais, etc.), *Confluência* (colaboração em todos os números sem a sua assinatura), *O Clarim*, *Jornal de Macau* (colaboração nos primeiros anos), etc.
- Ocupava, nessa altura, o rés-do-chão da casa n.º 29 da Rua Pedro Nolasco da Silva.
- A fragilização da sua saúde, verificada em meados dos anos 90, do século passado, e cujo pico aconteceu em 1995, foi envolvida por um ambiente perturbado e de contornos pouco definidos, que levaram à sua aposentação e depois o regresso à sua terra natal, onde viria a falecer, em Janeiro de 1999, com 82 anos de idade.
- António Aresta, “Benjamim Videira Pires, um educador português em Macau”, cit., p. 706.
- Francis Choi Chi U, “A luz da minha vida rica”. Disponível em: <http://www.plataformamacau.com/seccoos/opiniaio/a-luz-da-minha-vida-rica/>. Segundo o próprio Francis Choi Chi U, foi o Pe. Videira Pires que lhe recomendou que frequentasse “a disciplina de Educação Moral [e que, após] “cuidada consideração, ele próprio [o] batizou, tonando-[o] assim católico”.